

AGIER, Michel. **Migrações, Descentramentos e cosmopolitismo. Uma antropologia das fronteiras.** Maceió; São Paulo: EDUFAL; Editora da Unesp, 2015. 323p.

Sergiana Vieira dos Santos¹

Durante as últimas décadas as mídias têm noticiado constantemente uma situação que para muitos não existia: a leva de pessoas que fogem de países em conflitos na África ou no Oriente demonstra a consequência de anos de exploração colonialista e imperialista. É possível perceber, através das imagens veiculadas e da produção jornalística sobre o assunto, a grande travessia que a vida se tornou para muitos. Existem muros “líquidos” para os milhares de migrantes que desbravam o mar Mediterrâneo, muros e fronteiras visíveis como os que rodeiam os portos europeus onde ancoram aqueles poucos tantos que conseguem chegar com vida.

Michel Agier, antropólogo francês, diretor de pesquisa no Institut de Recherche pour le Développement (IRD) e professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS – Paris), é autor de várias obras. Cito *Encontros Etnográficos: interação, contexto, comparação*² e *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*³, assim como o livro aqui resenhado. Em “*Migrações, Descentramento e Cosmopolitismo: Uma antropologia das fronteiras*” o autor constrói sua narrativa a partir do testemunho de migrantes coletados através de entrevistas e etnografia realizada em campos e acampamentos de refugiados e migrantes. Além disso, o autor aproveita outras experiências de pesquisa sobre o mesmo tema. Traduzido para a língua portuguesa e lançado em 2015 pela Edufal em parceria com a Editora Unesp, esse livro contém seis capítulos e é dividido em duas partes: *O descentramento do mundo* e *O sujeito descentrado*.

Com uma abordagem antropológica baseada em pesquisas de campo na África, no Oriente, no Sul da Europa, no Pacífico colombiano e no Brasil, Agier entende a fronteira como algo permanente e que está presente em todo o lugar. A partir de debates travados com obras de filósofos, sociólogos e antropólogos, o autor vislumbra um campo de trocas e um horizonte comum que é o “cosmopolitismo das situações”. O autor desenvolve o conceito de “homens-

¹ Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Bolsista FAPEAL.

² AGIER, Michel. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação.** São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015. 100 p.

³ AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos.** São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. 213 p

fronteiras” que são aqueles submetidos a uma “desidentificação”, resultado do afastamento e da perda de laços, de bens e dos lugares que formavam sua identidade.

O autor também faz uso de três “figuras” teóricas que são: o errante, o pária e o *métèque*, para ilustrar a nova condição cosmopolita que é estar *na* fronteira. Estes construtos são baseados em figuras históricas e relacionais as quais o autor utiliza para apresentar a sua ideia de “homem-fronteira”, seja no acampamento, no campo ou no *squat*. É a partir das experiências dos migrantes, como “figuras” teóricas, na errância do “vagabundo”, no distanciamento do “pária” e na marginalidade do *métèque*, “figuras que encarnam não categorias sociais, mas maneiras de ser ou condições de estrangeiro” (p.140), que o autor afirma o percurso de todos por um labirinto cultural que os distancia cada vez mais de suas identidades herdadas tornando-os “cidadãos”, dentro de uma perspectiva condicional do mundo, formando uma consciência de pertencer ao mundo à medida que um distanciamento de suas identidades herdadas cresce. É esse estar no mundo *na* fronteira, arranjando e organizando sua vida, definindo um novo lugar em sociedade, vivenciando um cosmopolitismo distante da ideia da “felicidade de ser “global”” que Agier aponta as “manifestações comuns do descentramento do mundo” (p.151).

A ideia de fronteira, ao mesmo tempo limite e passagem, confronta-se com a noção de muro, sinônimo de fechamento recíproco onde sua multiplicação, sua proliferação nada mais é que um endurecimento, uma violência. Agier discute a capacidade humana de transpor esses limites, materializados ou invisíveis, e pensar a possibilidade de um “mundo comum”. Segundo o autor, nos encontrarmos na superfície da terra nos coloca em uma situação de fechamento, uma vez que a noção de fronteira num diálogo com as noções de muro e identidade propõem um fechamento, mas também dialogam com o cosmopolitismo, que não é o preconizado por uma “elite globalizada”, mas que surge como uma passagem colocando na ordem do dia a questão central da mobilidade.

Esse “desejo de muros”, funciona, segundo o antropólogo, como armadilha identitária herdada e fixa, como instrumento “plástico” de uma guerra de conquista, no qual o seu argumento da “proteção” está bem aquém da importância final do dispositivo. Tais elementos configuram o muro como instrumento de uma guerra “psicológica” de humilhação imediata aos migrantes. A “resposta” do muro para proteger as identidades coloca o “outro” do outro lado do muro como *um* sem representação, sem identidade e que é invisibilizado, aprisionado nas zonas de espera. O processo de desidentificação coloca os “fora-de-lugar” numa situação de liminaridade social, uma vez que esse apartar-se dos seus lugares de origem os torna “sem estatuto”, o que para o autor também pode ser compreendido como momentos de “exceção” que os emancipa colocando-os como sujeitos de uma soberania política contra a atribuição identitária e local. Ultrapassando, como ainda propõe o autor, a identidade para melhor compreender não apenas seus usos, mas o que há para além dos mesmos.

Na sua crítica ao paradigma identitário, Agier afirma que a história das identidades que pressupõe a história da humanidade é uma sucessão de migrações e acomodações, o que evidencia a ausência da autoctonia, uma vez que o ser humano é “um ser em movimento” com um lugar indefinido. A narrativa da autoctonia nacional, para cristalizar a identidade como uma “verdade” servindo como discurso e prática para estigmatização do “outro”, legitima uma violência cotidiana vivida pelos habitantes das margens.

Agier também discute, na segunda parte do livro, “uma nova concepção de alteridade manifesta no *sujeito-outro* como essencialmente situacional e “fronteiriça”” (p.298), que envolve diretamente a questão da capacidade dos sujeitos de agir sobre seu destino e sobre o mundo. A partir de uma discussão sobre o método para “repensar o deslocamento hoje”, o autor faz um apanhado de momentos históricos descrevendo uma crise de paradigmas que teve como resultado “uma guinada contemporânea da antropologia”. Essa nova configuração social e cultural que envolve “o mundo e eu e nós” revela uma crítica contemporânea da antropologia. Ao questionar problemáticas, abordagens e descrições, o autor defende uma abordagem situacional como fundadora de “uma verdadeira antropologia do sujeito”. Para Agier é nessa “nova concepção de alteridade” apresentada nas situações de fronteira que o “sujeito-outro” surge, fala e age.

Agier argumenta que para entender esse “homem-fronteira” é preciso partir de um descentramento epistemológico que permite um “vir ver” tudo que acontece nas situações locais, nas bordas.

Para o autor, a contribuição da antropologia está apoiada nas diferentes figuras desse “homem-fronteira”, um termo genérico, segundo o próprio autor, que é utilizado para designar mulheres e homens que chegam e “estacionam” nesses “não-lugares”, acreditando que reconhecer e compreender a condição que eles encarnam é uma das questões maiores do nosso tempo. O autor defende que a questão das fronteiras reintroduz a problemática da relação, uma vez que a mudança e a mobilidade cada vez mais presentes requerem um novo pensar sobre, diante dessa transformação e dessa multiplicação constante.

A proposta da antropologia contemporânea e situacional, conforme defende Agier, é a de provocar um descentramento epistemológico permitindo perceber os “espaços-tempo” como situações de fronteira. Uma atualização dos modos de observação e de análise da antropologia onde seu aporte está na “reflexividade etnográfica” como ferramenta teórica. A reflexão presente no livro está na análise situacional dos efeitos criadores e dinâmicos presentes nessas situações.

Com a proposta de pensar a possibilidade de um “mundo-comum”, Agier conclui sua obra. É na relação com o outro, na fronteira como uma nova prova de alteridade que Michel Agier redefine o descentramento da antropologia. Na leitura de suas mais de trezentas páginas o leitor encontrará relatos de situações vividas em campo pelo antropólogo, sobre a

questão das fronteiras, para além de demandas burocráticas, administrativas e de soberania nacional, seu lugar enquanto pesquisador no centro dessa reflexão, bem como uma discussão pormenorizada da emergência de “um sujeito-outro, vindo desarrumar a ordem identitária existente” (p.298). Trata-se de uma obra que propõe um novo olhar sobre o método e a teoria antropológica e que contribui de forma ímpar para compreender o “homem-fronteira” como “sujeito-outro” buscando sua existência no espaço do “entre-dois”.